

cultura e informação. Os centros culturais seriam locais onde acontecem ações culturais que vão da criação à fruição e que proporcionam, ao público, formação e informação. O Centro Cultural São Paulo, inaugurado em 1983, e, em menor dimensão, as atuais 15 casas de cultura do município são resultado dessa concepção, que articulava ações contínuas e efêmeras, sempre diversificadas, num mesmo espaço. Nesse sentido também se orientaram as sete oficinas culturais do governo do Estado, sediadas na capital, além de outros espaços – desde os sofisticados aos humildes – mantidos por instituições privadas. As leis de incentivo<sup>7</sup> possibilitaram o nascimento dessas inúmeras instituições com finalidades culturais, que desenvolvem ações em todos os campos das artes e da cultura.

Há que se destacar também a presença importante do chamado sistema “S” (no caso Sesc, Senac e Sesi), que atua nas áreas de formação, produção e difusão culturais, bem como esporte e lazer. O Sesc, em particular, realiza hoje uma das mais conhecidas e dinâmicas políticas culturais da atualidade, desenvolvida em seus 12 centros de cultura e lazer, na cidade de São Paulo, atendendo milhões de usuários anualmente. Não se pode deixar de considerar, também, o impacto das novas tecnologias, principalmente da rede mundial de informação e dos meios digitais, que abriram outras possibilidades no campo da cultura, influenciando desde o fazer cultural até os usos, como se pode detectar pela tendência de multiplicação dos telecentros nos bairros paulistanos.

Vivenciar essa realidade ávida de novidades e plena de mudanças faz com que, às vezes, soe estranho que, aqui e ali, as propostas lançadas pelo Departamento de Cultura do Município de São Paulo ainda inspirem políticas contemporâneas. É o caso do Museu da Cidade, que, já previsto em 1935, foi criado recentemente, em 1993, ou de uma referência encontrada numa publicação, que atribui a essência da idéia de criação dos CEUs ao Departamento de Cultura. “O projeto contemporâneo [dos CEUs]” – diz o texto – “dialoga com outro, ainda mais remoto: na década

de 1930, quando dirigia o Departamento de Cultura da cidade, o poeta Mário de Andrade criou Parques Infantis que continham 'praça de equipamentos' e ofereciam atividades educativas e culturais para os filhos da classe operária, moradores dos bairros periféricos na época”.<sup>8</sup>

A busca de referências e modelos na história talvez denuncie uma necessidade de estabelecer linhas de continuidade no universo descontínuo das políticas culturais em São Paulo. Ou, porventura, sirva para afirmar que a cultura está presente em todas as ações humanas em qualquer tempo e lugar, esclarecendo aqueles que ainda a consideram artigo de luxo, dispensável diante de outras necessidades urgentes. Entretanto, o exemplo da breve experiência do Departamento de Cultura do Município de São Paulo também inspira ações planejadas e avaliações críticas, que podem contribuir para evitar o acaso nas políticas culturais e, assim, reafirmar o poder transformador da cultura.

### Bibliografia:

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento: *Metrópole e Cultura*, Bauru, EDUSC, 2001.

BRUNO, Ernani da Silva: *História e Tradições da Cidade de São Paulo*. Vol. II e III, Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora, 1954.

BARBATO Jr., Roberto: *Missionários de uma utopia nacional-popular: os intelectuais e o Departamento de Cultura de São Paulo*. São Paulo, FAPESP / Anablume, 2004.

DUARTE, Paulo: *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo, HUCITEC e Secretaria Municipal de Cultura, 1985.

DURAND, José Carlos: *Arte, Privilégio e Distinção*. São Paulo, Perspectiva/USP, 1989.

GUEDES, Tarsila: *O lado doutor e o gavião de penacho*. São Paulo, Anablume, 2000.